

Didi Praes

PORTFOLIO ARTÍSTICO



Espedita Vieira de Sá, de nome artístico **Didi Praes**, nasceu em 30 de abril de 1958, em Presidente Dutra (MA). É atriz, artista plástica e artesã, membro e ex-presidente da Associação Artística Imperatrizense (Assarti). Chegou a Imperatriz em 1974 e no ano seguinte começou a carreira artística, no Príncipe Teatro de Imperatriz (Pri-tei), então dirigido por Pedro Hanay.

Em 1976, integrou o espetáculo teatral "Pedro do Mato", na 2ª Mostra de Teatro Amador do Maranhão, em São Luís (MA). Produz escultura em papel machê, madeira e argila, oratórios em madeira e outros tipos de artesanato, que foram expostos no antigo Paço da Cultura José Sarney, na década de 1980, por ocasião da 1ª Expoarte. Como artista plástica, tem seus trabalhos conhecidos no Norte e Nordeste do Brasil. Foi participante assídua do Festival de Poesia, Crônica e Conto de Imperatriz.

Didi Praes esteve envolvida na organização de todas as edições Feiras de Arte de Imperatriz, desde 1982, sendo a última edição realizada em 2013.

No cinema, Didi participou de diversas produções documentais e de ficção, sendo a última o curta-metragem "Bela Vista", onde interpretou a mãe da personagem principal.

Em 2021, deu início a um ousado projeto: "Memória Teatro Ferreira Gullar e Associação Artística Imperatrizense (Assarti): histórias, memórias, registros e lembranças do movimento cultural artístico imperatrizense". Lançado no início de 2022, o projeto, que segue em andamento, tem como principal objetivo resgatar a memória artística e cultural de Imperatriz por meio de fotos, registros audiovisuais, documentos, reportagens entre outros. Atualmente conta com um website com o acervo digitalizado e um canal no YouTube com materiais em vídeo.

Didi Praes

ASSARTI— Associação Artística de Imperatriz
CADASTRO ARTISTICO

| | | | |
|---------------------|-------------------------------------|---------|----------|
| Nome | ESPEDITA VIEIRA DE SÁ | | |
| Endereço | R. HERBANO SANTOS 10- B CENTRO | | |
| Naturalidade | Maranhense | | |
| Local do Nascimento | Presidente Dutra | Data | 30/04/58 |
| Filiação Pai | João Inácio Vieira de Sá | | |
| Mãe | Isabel Alves Costa | | |
| Estado Civil | Solteira | Nº Doc. | 01 37 |
| Área Art | Teatro/Artes Plast. profissão Atriz | | |

teatro



Espectáculo "Pedro do Mato "

1977 | Cia Príncipe Teatro de Imperatriz (PRITEI)

Espectáculo "Vamos Jogar o Jogo do Jogo"

1986 | Cia Teatral O Grupo

Espectáculo "Quem Matou Zefinha?"

1987 | Grupo Oásis



Espectáculo "Viagem ao Coração da Cidade"

1988 | Grupo Oásis

Show "O Oco do Mundo"

1988



“URUBUS E PÉROLAS” VOLTA AO PAÇO DA CULTURA

O PROGRESSO



Espetáculo “Urubus e Pérolas”

1990 | Grupo Oásis

Espetáculo “Detestinha – O Bicho que Detesta Ler”

2004 | Cia Teatral Fundo de Gaveta

Espetáculo “Casa dos Velhos”

2003 | Cia dos Cênicos, Cínicos e Cogumelos





cinema

Curta-metragem: Desir
2007 | Dir. Sergio Barroso

Minidoc: De Costas pra Rua
2012 | Dir. Fernando Ralfer

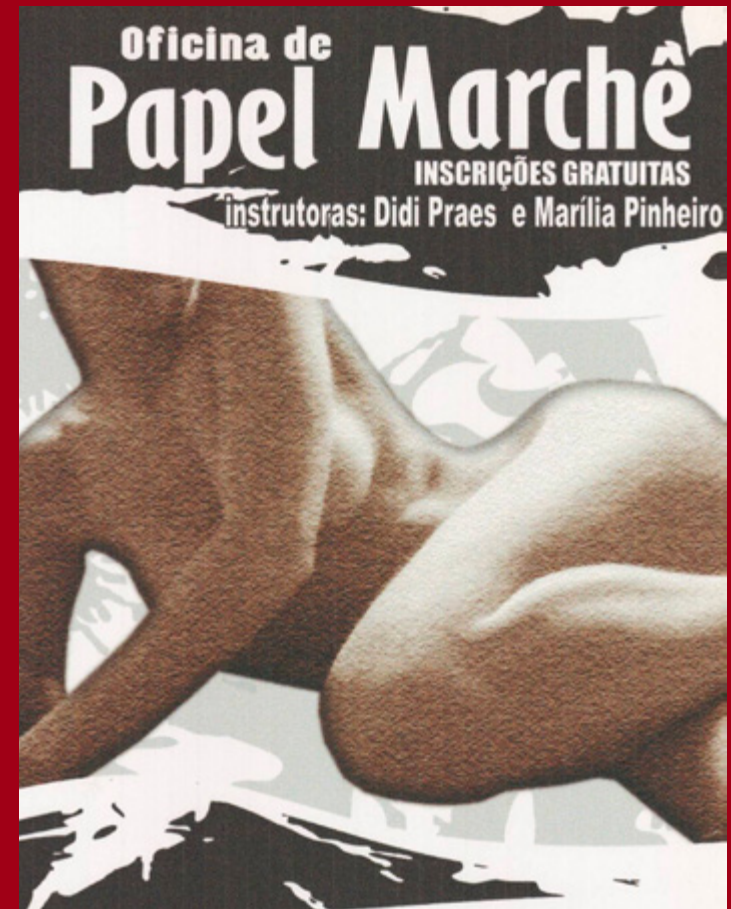
[ASSISTA AQUI](#)



Curta-metragem: Bela Vista
2017 | Dir. Sergio Barroso

[ASSISTA AQUI](#)

artes plásticas

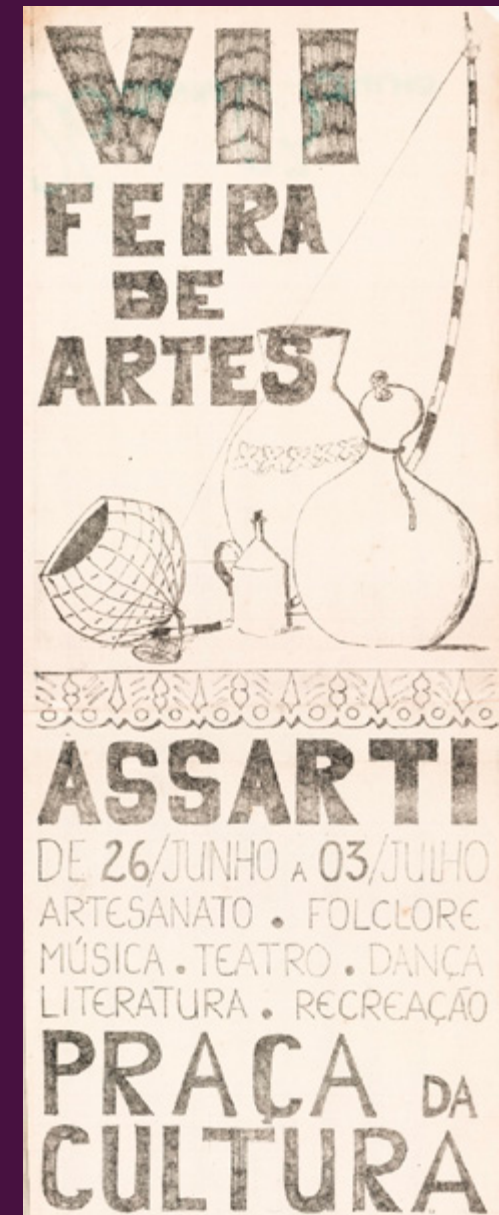


Oficina de Papel Machê
2009

ASSISTA AQUI

feiras de artes

Produção de todas as Feiras de Artes de Imperatriz
1982-2013





poesia, crônica e conto

Participação em todos os Festivais de Poesia, Crônica e Conto de Imperatriz, inclusive como artesã na confecção dos troféus.



memória ASSARTI

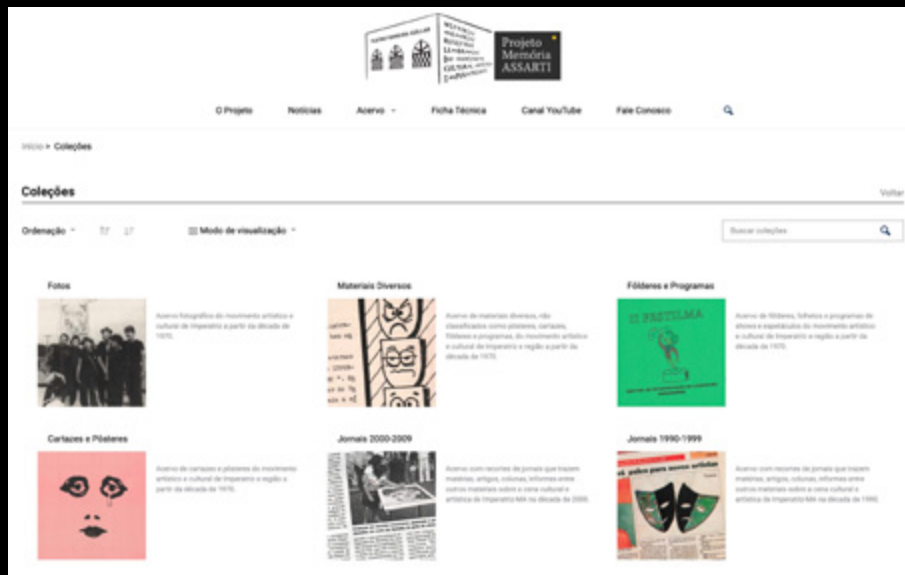
Lançado no início de 2022, o projeto Memória Assarti, desenvolvido por Didi Praes, tem como principal objetivo resgatar a memória artística e cultural de Imperatriz por meio de fotos, registros audiovisuais, documentos, reportagens entre outros.

Didi Praes e Pedro Ranais,
pioneiro do Teatro em Imperatriz.

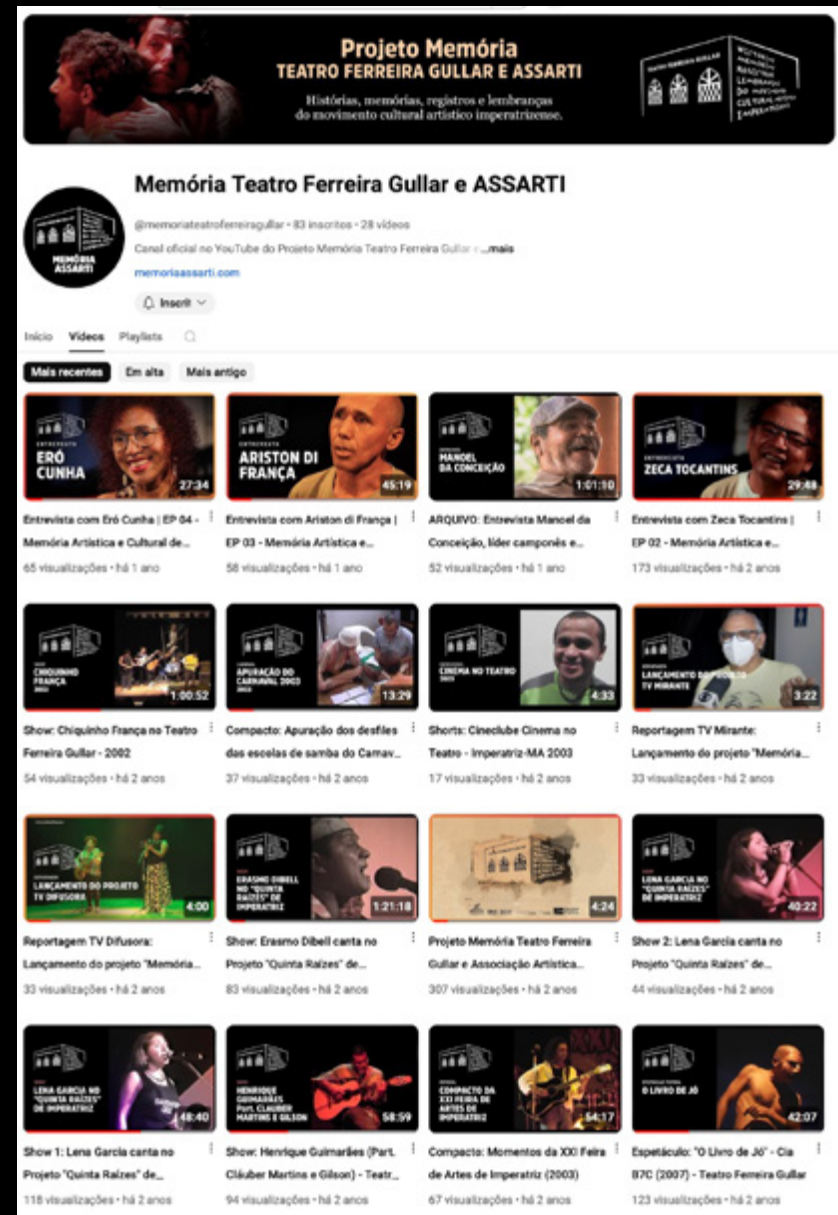


Canal no YouTube com o acervo digitalizado e entrevistas com os precursores do Teatro em Imperatriz.

ACESSE



Website com acervo de jornais, revistas, cartazes, folders, fotos e outros materiais que contam a história do Teatro em Imperatriz.
Acesse: www.memoriaassarti.com.br



Central do Brasil

Fernando

Marília

Vincent



Relembra Didi Praes sobre a escola 'Voluntários do Samba'

'Nós tínhamos uma história com a cidade',

DANIELA SOUZA

"O Laciado da Vancio, hoje mora aqui, ele é engenheiro civil. Henrique atualmente está lá pela Europa, vivia pouco em Imperatriz. Dona Edener é uma carnavalesca maravilhosa. Isso foi em 1985. A mariposa era um homossexual da ala das baianas. Charran que já é falecido, era um famoso estilista da cidade, participava e criava as figurinhas em cima dos enredos de nossa escola 'Voluntários do Samba'. Ele nasceu e se criou próximo da Praça União. Charran faleceu, nos deixou há muito tempo, mas foi um dos grandes destaques".

A memória viva de Didi Praes, pertencente ao grupo de teatro Quase aos anos 90, relembra detalhes dos bastidores da escola 'Voluntários do Samba', que iniciou os desfiles em Imperatriz, em 1985. Inúmeros artistas imperatrizenses se dedicavam e se dedicavam para a construção dos figurinos, enredos e a compo-

sição de toda a história.

O making-of por meio de fotos ajudou a relembrar a época das escolas de samba em Imperatriz. A conversa descontraída, embalada por músicas de ritmos animados, mostrou o tamanho da memória artística que ainda prevalece em si. 'Nós os Baianos' era o som de fundo quando a artista recebeu aqueles que estavam a sua procura para ouvir sobre as histórias do carnaval antigo em Imperatriz. Dias antes do período carnavalesco, ela contou e se alegrou com as lembranças das escolas de sambas em Imperatriz, datada nos anos 80 e 90. Ao abrir o álbum de fotos, logo lhe veio a compilação em falar das vivências.

"Essa menina aqui, que já deve ser mãe, ela é filha de uma pessoa que trabalhava conosco na Praça da Cultura. A foto de 1986, ela estava ainda criança e desdentada. Já em 1989, ela era meio sociável. Aqui do outro lado [página] temos os registros da Mocidade da Vila União. Eu nunca entendi porque nós miramos para essa escola. Tem que perguntar para o Zeca Tocantins".

Os primeiros anos de desfile das escolas eram na Rua Coronel Manoel Bandeira, próximo à Escola Santa Teresinha e acabavam nas proximidades do supermercado Caldeirão. Nos anos 90 o percurso dos desfiles mudou, o local de concentração passou a ser a rua Sampaio Moreira, onde hoje é a Fundação Cultural, próximo à Escola Graça Aranha.

"Quando a gente criou a 'Voluntários', o Nilson do Pandão se manifestou e Manoel Cecílio

Zeca Tocantins, Lambau, os filhos da dona Madalena do cartório, foram os fundadores e toda a família dela fazia parte da bateria. Henri Guimarães era um dos voluntários da escola e fazia o samba enredo, também punador de samba. Segundo ela, quando migraram para a escola Mocidade, o local do encontro era o 'Têtu Pôde'. "Ensaivávamos próximo a Praça da União. A nossa mais famosa ala era 'Vá ao Teatro', 1987, porque nós chamávamos por meio da ala o pessoal para ir ao teatro".

Disse ainda que esses momentos da escola 'Voluntários' existiram logo depois que a Associação dos Artistas de Imperatriz (Assarti) foi fundada, 1982. Lembra que a classe artística de Imperatriz estava em um momento de inovação e começa-

va a criar vários movimentos. "Criamos a feira de arte e outras atividades e a partir daí surgiu a escola 'Voluntários do Samba', criada pelo Teatro Ferreira Gullar (Assarti). Mauro, Zeca Tocantins, Henri Guimarães e Lambau ficavam na parte de percussão e sempre foram músicos. Mobilizaram o pessoal do recital de poemas e outros artistas e, dentro do Teatro Ferreira Gullar, criaram a 'Voluntários do Samba' que permaneceu por muitos anos".

Apesar dos blocos de rua, pouco atrativos na época, mas grandes civilizações na mídia, as escolas de samba se destacavam. "As escolas de samba eram 'bahados', 'letados'. Era briga para entrar e desfilar numa escola. O doutor Pedro Mario desfilou vários anos na nossa escola. A cidade inteira ia assistir para ver o Pedro Mario lindo em cima dos carros, com seu corpo lindo. Na época do Jomar, foi o último desfile de todos nós e Pedro brilhou nessa Beira-Rio. Tinha jurados, arquibancadas, tinha tudo, porque na época do Jomar o desfile aconteceu na Beira-Rio", prossegue.

Ainda na época do governo Jomar Fernandes, Didi ressalta que após o desfile das escolas, um trio elétrico aguardava o grande público que ia prestigiar as agremiações. Ela aproveitou para mostrar os registros fotográficos das pessoas na arquibancada e os jurados. Na época os artistas se comprometiam a preparar no seu cotidiano, um carnaval bonito. Produziam figurinos e não tinham concessões ou grupos para cada parte do carnaval, mas sim todos faziam de tudo. Cada um ao seu modo pegava algo para fazer e, dessa forma, todos os figurinos, fantasias, adereços e enfeites eram construídos.

Entre 400 e 500 pessoas desfilavam na 'Voluntários do Samba'. A escola era toda dividida em alas e tinha algo que se fazia seis alas: ala infantil, do teatro, das baianas,

também. Então três escolas se firmaram e sempre era assim: uma ganhava em primeiro, outra em segundo e terceiro lugar. Nós ganhávamos várias vezes. Tive um momento que entrava um governo que não nos apoiava e dávamos uma parada. Quando o Jomar Fernandes (2001) assumiu o governo, a cidade teve grande movimento em todos os segmentos culturais: festas juninas, artes nos bairros, as escolas de samba ressurgiram e desfilaram cinco escolas. Os nossos últimos desfiles foram no governo do Jomar (2004)", explica Didi.

Esses momentos existiram logo depois que a Associação dos Artistas de Imperatriz (Assarti) foi fundada, 1982.

entusiasmada e com boas lembranças desse tempo.

Apesar dos blocos de rua, pouco atrativos na época, mas grandes civilizações na mídia, as escolas de samba se destacavam. "As escolas de samba eram 'bahados', 'letados'. Era briga para entrar e desfilar numa escola. O doutor Pedro Mario desfilou vários anos na nossa escola. A cidade inteira ia assistir para ver o Pedro Mario lindo em cima dos carros, com seu corpo lindo. Na época do Jomar, foi o último desfile de todos nós e Pedro brilhou nessa Beira-Rio. Tinha jurados, arquibancadas, tinha tudo, porque na época do Jomar o desfile aconteceu na Beira-Rio", prossegue.

Ainda na época do governo Jomar Fernandes, Didi ressalta que após o desfile das escolas, um trio elétrico aguardava o grande público que ia prestigiar as agremiações. Ela aproveitou para mostrar os registros fotográficos das pessoas na arquibancada e os jurados. Na época os artistas se comprometiam a preparar no seu cotidiano, um carnaval bonito. Produziam figurinos e não tinham concessões ou grupos para cada parte do carnaval, mas sim todos faziam de tudo. Cada um ao seu modo pegava algo para fazer e, dessa forma, todos os figurinos, fantasias, adereços e enfeites eram construídos.

Entre 400 e 500 pessoas desfilavam na 'Voluntários do Samba'. A escola era toda dividida em alas e tinha algo que se fazia seis alas: ala infantil, do teatro, das baianas,

destaques, bateria, comissão de frente e abre alas, cerca de três carros passavam. Um grupo de jurados avaliava o desfile das escolas e o samba enredo. Uma equipe organizadora cronometrava o tempo e apresentava os grupos.

"Atualmente as escolas de samba existentes se orientam quando veem as escolas do Rio de Janeiro, mas naquela época a gente mesmo se orientava. Tinha jurado para tudo: bateria, comissão de frente, alas das baianas e tudo era julgado", relembra Didi.

O Mário Só em o carnavalesco, além de coreógrafo, figurinista e pensava no tema. Atualmente mora no Rio. "Távamos, madrugadas confeccionando e figurino e adereços. Sobre os petrocônios, a prefeitura nos dava uma 'grana' e, antigamente, os empresários contribuíam mais. A gente ganhava dinheiro também dos empresários. Fazíamos muito coisa de papel machê, era tudo de papelão, o figurino de longe era tudo lindo, mas se desse uma chuva grande, tudo desabava".

Para finalizar, a integrante da escola 'Voluntários' explica que o interessante das escolas de samba de Imperatriz, é que apesar de ter sido uma atividade que envolvia muitos artistas e pessoas de diferentes classes sociais, a elite imperatrizense participava. "Nessa época não tinha chegado o ritmo azê aqui na cidade, só existia na Bahia. Tinha três clubes famosos na cidade: Jopara (elite imperatrizense que frequentava); Berro d'água e Tocantins. Os artistas se dividiam em três grupos e cada um para um clube. Acontecia néles as festas carnavalescas. O 'Baile vermelho e branco' foi criado por Jonas Ribeiro, era um local chique da cidade".

Na década de 90, em alguns anos a escola não saiu devido a gestão não apoiar os artistas. Com a chegada de Jomar Fernandes, a cidade teve forte apoio cultural e os desfiles passaram a acontecer na Beira-Rio, a partir de 2001. Fernandes destacou a governança em 2004 e as escolas de samba deixaram lembranças, registros fotográficos e boas memórias de uma época de ouro da classe artística de Imperatriz.





Além de **multiartista**, Didi Praes sempre foi também uma militante da cultura imperatrizense. Esteve à frente do movimento, ainda na década de 1980, que reivindicou a construção do Teatro Ferreira Gullar. Participou e colaborou com a realização dos Foruns de Cultura da cidade. Sempre atuou na defesa da produção cultural, ajudando a moldar a cultura de Imperatriz.

